

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CIDADE VELHA DE SANTA LUZIA, VIANA DO CASTELO.

VIANA, Abel; OLIVEIRA, Manuel de Sousa

Ano: 1954 | Número: 64

Como citar este documento:

VIANA, Abel; OLIVEIRA, Manuel de Sousa, Cidade velha de Santa Luzia, Viana do Castelo. *Revista de Guimarães*, 64 (1-2) Jan.-Jun. 1954, p. 40-72.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

«Cidade Velha» de Santa Luzia (Viana do Castelo)

por ABEL VIANA,
Bolsheiro do Instituto de Alta Cultura
e MANUEL DE SOUSA OLIVEIRA,
Director do Museu Regional de Viana do
Castelo

Estão estas ruínas de povoado castrejo situadas num local tão eminentemente belo que um muito illustre professor salmantino nos afirmou: «Nada mais grato me poderia acontecer que ser-me permitido colocar ali a minha cátedra, para um curso de arqueologia!»

«Cidade Velha» lhes chamam os vianenses, na suposição de que elas representam a origem da actual cidade. Directa sucessora do castro esta não o é, evidentemente, mas que da gente que ocupou o alto do monte tenham descendido os habitantes das três póvoas da foz do Lima, uma delas denominada mesmo «vila de Crasto», reunidas por D. Afonso III, em 1258, para formar a vila de Viana e fazer dela cabeça de um novo concelho, não anda fora da possibilidade, conforme adiante indicaremos.

Tais ruínas são conhecidas desde tempos bastante antigos. Pedro de Almeida Courea descreveu-as em 1722 (1), dizendo-nos que a muralha tinha

(1) *Fenis Viannesa, ou Vianna renascida em o Átrio*, obra de que existem várias cópias manuscritas, uma das quais, pertencente ao Arquivo da Misericórdia de Lisboa, foi reproduzida até o 13.º cap.º, inclusivé, pelo Sr. Vítor Ribeiro, na revista «Lusa». Das ruínas de Santa Luzia trata o cap.º 3.º, intitulado «Do sitio, antiguidades e qualidades da Villa de Vianna. — Sua origem no monte de Santa Luzia» (vid. «Lusa», vol. III, pág. 43).

do lado de Poente um lança rectilíneo, orientado de N-S, e outro igualmente rectilíneo, na direcção de E-W, formando com aquele um canto em ângulo recto, a Nordeste. Da outra extremidade deste segundo lança, que era o setentrional, vinha a muralha correndo para o Ocidente, e, a meio deste terceiro lança, estava a única porta de entrada no castro. Do cabo deste terceiro lança, a Poente, a muralha, descrevendo uma curva, terminava no começo do lança em primeiro lugar citado.

Diz que havia dentro alguns vestígios de alicerces de pequenas casas.

Confrontando-se esta sucinta descrição com a planta topográfica publicada por José Caldas (1), a qual reproduzimos na Fig. 1, vê-se que a simples observação visual atraçou Couraças no respeitante à verdadeira orientação dos dois grandes lança rectilíneos da muralha.

O desenho de J. Caldas aponta somente os restos da muralha interior, a qual ainda hoje se conserva na sua maior extensão. Este muro é formado por duas paredes paralelas, podendo, tal como agora se observa em alguns escassos segmentos, um homem transitar no espaço intervalar. Este espaço, contudo, devia ter sido, primitivamente, preenchido com entulho, com terra e pedras soltas, certamente. Por fora desta muralha, havia mais duas. O castro estava provido, portanto, de tríplice cintura, sistema defensivo que dois fossos entre muralha e muralha reforçavam.

O mesmo apontamento topográfico mostra, integrado na planta geral e, à parte, em pormenor, os grupos de casas que eram, provavelmente, a área desenterrada e mais perfeitamente conhecida em 1880.

Aí fica, de facto, um grupo constituído por três casotas circulares, uma delas com alpendre, outra elíptica e mais três rectangulares, grupo a que talvez pertencessem também mais algumas situadas exte-

(1) «Archéologie Préhistorique dans la Province de Minho», in «Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques — Compte Rendu de la Neuvième Session à Lisbonne, 1880». Lisbonne, 1884, págs. 333-335.

riormente, o qual, pela porção de paredes que ainda conserva e perfeição do aparelho de pequenos silhares dispostos em fiadas oblíquas (Fig. 1, *C* e *D*), tanto nas casas (Est. 1, n.º 3) como na parede do cercado (Est. 1, n.º 2), é, dos muitos que se observam nas ruínas, o mais notável.

Por isso mesmo, decerto, em 1910, Félix Alves Pereira o escolheu para a sua projectada tentativa de reconstituição. Dele fez, também, em 1923, o apontamento que apresentamos na Fig. 2 um dos signatários (A. Viana) da presente notícia.

Aquele ilustre arqueólogo, sem dúvida o mais sabedor, depois de Martins Sarmiento, a propósito, disse: «Esse grupo consta de quatro circuitos de paredes envolvidos quase por completo em outra parede vedatória, constituindo por assim dizer este conjunto uma espécie de bairro, de quarteirão do ópido, ou de *vila* de algum maioral castrejo» ... (1)

A planta de F. Alves Pereira, todavia, não abrange o quarteirão completo. Ele é tal como o apresentamos no esboço de Fig. 2. F. A. Pereira só prestou atenção às casotas de planta circular (*a*, *b*, *c*, e *d*).

Eis a medição de todas: Casa *a* (circular) — raio 2,^m30; grossura da parede 0,^m41. Casa *b* (circular, alpendrada) — raio 2,^m30; perímetro máximo interno do alpendre 6,^m00; largura do mesmo 1,^m79. Casa *c* (elíptica) — eixo maior 7,^m50; eixo menor 3,^m45. Casa *d* (circular) — raio 1,^m85. Casa *e* (rectangular) — 5,^m60 × 3,^m10. Casa *f* (rectangular) — 6,^m50 × 3,^m40. Compartimento *g* — comp. 5,^m20. Compartimento *h* — comp. 3,^m60.

É de supor que a casa *c* fosse a habitação principal, e que os compartimentos rectangulares, *e*, *f*, *g*, *h*, se destinariam à estabulação de gado miúdo e outros pequenos animais domésticos.

A parede envolvente do lado ocidental mede 18,^m20 de comprido, e a do lado do norte 25 metros.

(1) FELIX ALVES PEREIRA — *Habitações castrejas do Norte de Portugal*, Viana do Castelo, 1914.

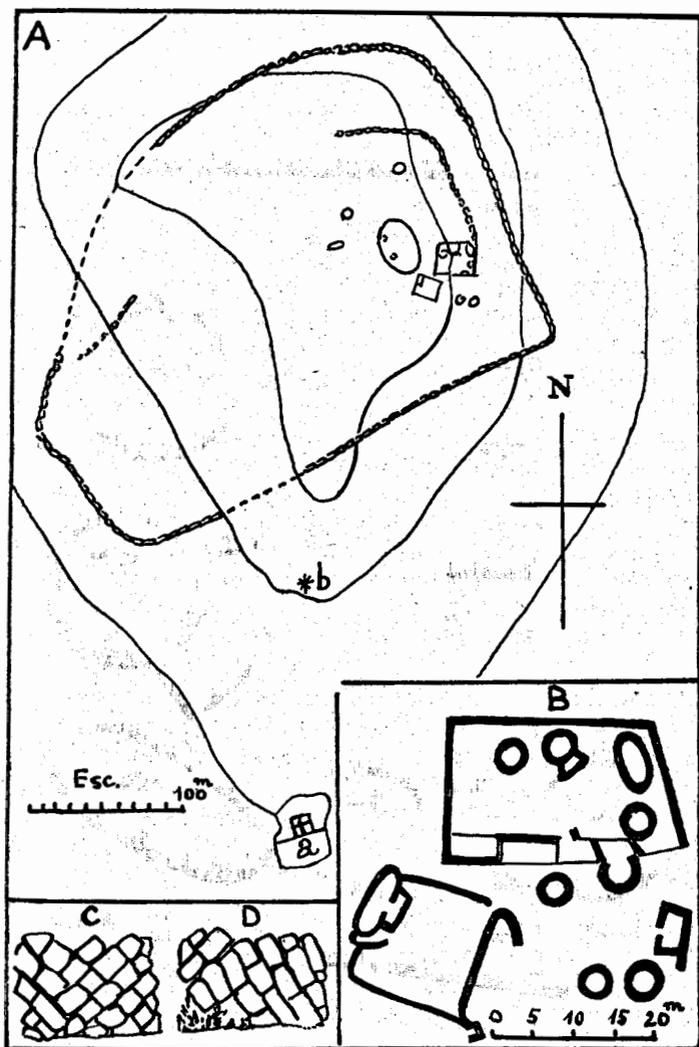


Fig. 1—A) *Planta do Castro de Santa Luzia.*
 a) *Antiga capela, no sítio da actual basílica.*
 b) *Rochedo insculturado (desaparecido).*
 B) *Parte principal das escavações de 1876.*
 C) e D) *Paramento das paredes de algumas casas.*

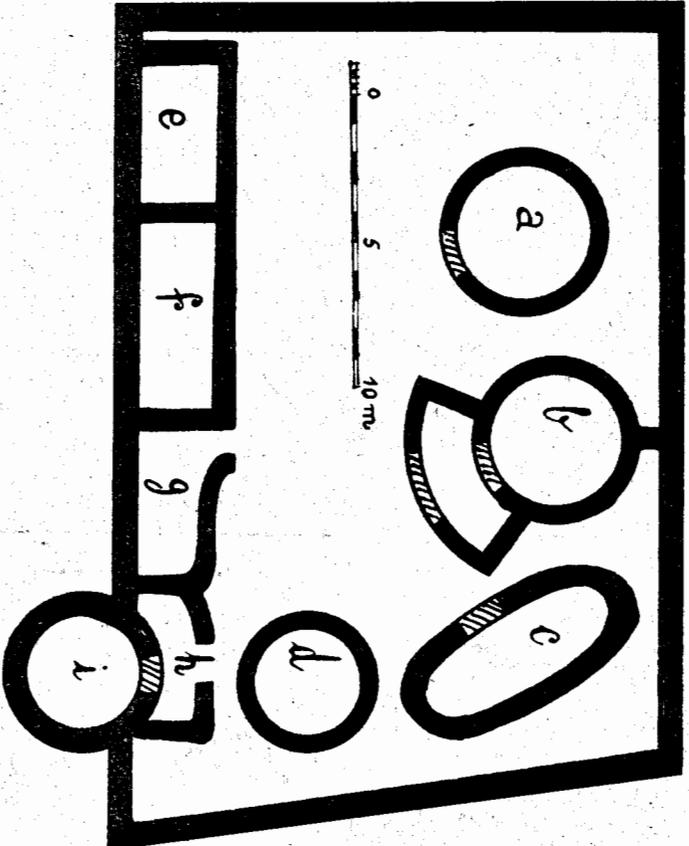


Fig. 2 — Grupo de casas reproduzidas na Est. 1 (Nos 1, 2 e 3) e na Est. 11 (N.º 19).

A entrada no quarteirão devia ser pela face meridional, talvez pelo compartimento *g*, achando-se a soleira da porta bastante acima do nível do terreno. Este é muito acidentado, quase todo de grandes lajes e penedos nativos.

A par deste grupo de casas, para o lado do poente, acha-se outro cercado, também aproximadamente elíptico, cerrando em seu âmbito grandes pedreiras. Este sítio corresponde ao ponto culminante do castro, entendendo Leite de Vasconcelos ⁽¹⁾ que aí, nessa elevação «artificial» contida por fortes paredes «sem vestígios de casas», devia ser a acrópole, ou cidadela.

Ao tempo que o sábio Professor viu o local, o desaterro não seria tão profundo como hoje, do contrário teria notado que a elevação é essencialmente formada por enormes rochedos, sobre os quais corre um muro cuja espessura chega a atingir 1,^m20, circuitando um recinto poligonal com os ângulos arredondados (Fig. 3), com 30 metros de comprimento por 20 de largura máxima e orientado de NW. — SE., mais ou menos.

Tem este cercado uma entrada do lado do poente, com 1,^m30 de largura (Fig. 3-E), à qual dão acesso dois degraus formados por duas grandes lajes. Pela banda de dentro, a 0,^m90 da entrada, há duas pequenas paredes talhadas na própria rocha (Fig. 3-A), formando como que uma passagem obrigatória (para entrada de gado?). À direita da entrada deste cercado e junto ao muro, do lado de poente, vêem-se os alicerces de uma casa grosseiramente circular, com 5,^m30 de diâmetro e com uma entrada muito larga (1,^m80). Ao redor desta enorme casa há restos de paredes que ainda conservam 0,^m20 de altura,

(1) J. L. de VASCONCELOS — *Cidade Velha de Santa Luzia*, in «O Archeologo Português», vol. VIII, Lisboa, 1903, pág. 15 a 23. É, até hoje, dos artigos escritos sobre esta Citânia, o mais elucidativo, embora as duas gravuras com aspectos das ruínas não sejam muito claras.

as quais pertenceram, segundo parece, a construções
apêndices da grande casota redonda. Assinalá-
mo-los, na Fig. 3, por meio de pequeninas cruces.

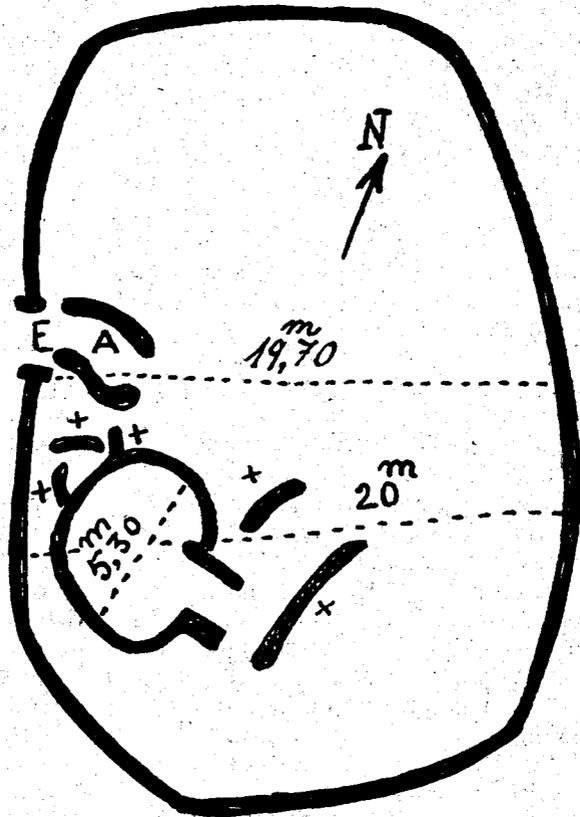


Fig. 3 — Cercado e casa circular, no ponto mais alto
da Citânia, ao lado do grupo de casas representado
na Fig. 2. Vide também Fig. 1.

No resto do recinto avultam grandes pedras de
granito. Isto ocupa, realmente, o ponto culminante
do castro, ficando um pouco sobranceiro ao grupo

de casas muito bem construídas que representamos na Fig. 2, mas nada aí se observa por onde se lhe possa atribuir a função de acrópole, antes se nos afigura ter sido um recinto exclusivamente destinado ao encerramento de rebanhos, ou manadas, com uma ampla casota destinada aos guardadores do gado.

O casario, quase todo sempre agrupado dentro de cercados mais ou menos rectangulares, ocupa, principalmente, o espaço limitado pela muralha interior e, embora o terreno seja muito irregular e acidentado, as estreitas ruas são em geral rectilíneas, entrecruzando-se em ângulo recto, o que melhor se ampara, ainda, na área setentrional do castro.

No espaço compreendido entre a muralha interior e as duas externas há também alguns alicerces de casas e, segundo notícias, os vestígios delas disseminavam-se pela pendente meridional, onde se fez o parque, pelos terrenos fronteiros ao hotel, até próximo da actual basilica, e ainda pelas encostas de poente, até à Fonte dos Mouros, e nascente, na direcção da Abelheira.

Destes grupos de casas extra-muros, os mais afastados do cimo, todavia, embora julguemos que possam ser considerados contemporâneos, pelo menos, dos últimos tempos da ocupação da citânia, não podem ser tidos, claro está, como partes integrantes desta, tal o excessivo da distância a que se encontravam.

Há uns vinte anos, logo a seguir à fábrica da Cancela de Areosa, junto à via-férrea e da parte do monte, havia uma pequenina mancha de mato onde se viam restos de alicerces de três ou quatro casas circulares, com fragmentos de *tegulae*, bordos de *dolia*, etc. Esse grupo de casotas, já ao nível da Veiga de Figueiredo, desapareceu de todo há poucos anos, quando vedaram a pequena porção de terreno com um muro de pedra extraída no ponto em que assentavam os alicerces das referidas casotas.

O topónimo *Crasto*, de que era portadora uma das *vilas* de que o Bolonhês formou a sede do concelho de Viana, e que se situava no actual bairro da Abelheira, base da encosta oriental do monte de Santa Luzia, é bem significativo.

As primeiras escavações da citânia vianense datam de 1876 (1). Em 9 de Junho desse ano, Manuel Joaquim Possidónio Narciso da Silva, primeiro presidente da Associação dos Architectos Civis e dos Arqueólogos Portugueses, convocava alguns dirigentes da vida de Viana para uma reunião nas ruínas de Santa Luzia, na qual tomou parte Luís de Figueiredo da Guerra (2). Dias antes, porém, já lá estivera, mandando cavar em alguns pontos, sobretudo no sítio em que os alicerces de casas mais se evidenciavam ao longo de um troço de muralha, no ângulo de leste. É essa a parte posta a descoberto, cujo esboço topográfico José Caldas apresentou ao congresso de 1880, assinalando-a em pormenor, quer no respeitante à planta das construções, quer do ponto de vista do paramento externo das paredes.

Nesse local apareceram então: «moedas romanas de César a Constantino», um denário «da família Júlia, com elefante», outra moeda de prata, «com golfinho e legenda Concórdia»; pregos de cobre «fundido», «uns enfeites» do mesmo metal; fragmentos de cerâmica «de procedência romana»; uma pequeníssima ara de bronze (n.º 5) e fragmentos de uma taça de vidro (3). Figueiredo da Guerra deixou-nos esta útil observação: que, exceptuando a árula, nenhum dos objectos ali encontrados, todos de mistura e a 0,^m45 de profundidade, acusaram época posterior à de Constantino, e que, a julgar por isso, a povoação teria sido destruída nos tempos

(1) J. POSSIDÓNIO N. da SILVA — «Boletim de Architectura e de Archeologia», 2.ª Série, Tomo 11, n.º 4, Lisboa, 1877. LUÍS de FIGUEIREDO da GUERRA — *Citânia de Santa Luzia*, in «Esboço historico—Vianna do Castello», Coimbra, 1878.

(2) Essa comissão exploradora era dirigida pelo presidente da Câmara, António Pinto de Araújo Correia. Pouco fez, o que levou Figueiredo da Guerra, pessoa inalteravelmente discreta e contemporizadora, a dizer, pouco depois, que ela, elegendo um presidente ignorante e inerte, se condenara antecipadamente (Loc. cit.).

(3) FIGUEIREDO da GUERRA, op. cit.

das primeiras invasões dos Bárbaros. E nada mais consta se tenha feito nas ruínas do castro de Santa Luzia, por essa altura.

Só passado mais de um quarto de século as ruínas voltam a ser sujeitas a intensa pesquisa. Albano Belino, a convite do Conselheiro Rocha Páris, recomeça as escavações a 5 de Maio de 1902 (1).

As escavações de A. Belino ou, mais própria-mente, de Magalhães Moutinho, sob a orientação de Belino, foram, ao que parece, as mais extensas, pondo a descoberto a área em que até hoje, com insignificante diferença, vemos as ruínas desenter-radas (2), se bem que menos completamente que na actualidade.

O novo explorador teve como ambição principal a reconstrução do castro (3), para o que solicitou

(1) O Conselheiro António Alberto da Rocha Páris era o Pres. da Comissão de Melhoramentos de Santa Luzia, da qual faziam também parte António Gonçalves da Silva Carvalho e Manuel Gonçalves Tinoco (vogais), Mário dos Reis Lemos (secretário) e António Adelino de Magalhães Moutinho (director das obras). Dos beneméritos que mais se distinguiram no patrocínio e financiamento de certas obras (estradas, paredões de suporte, terraplenagem do parque, repovoamento florestal, etc.), contam-se o Cons. José Joaquim Cerqueira, Manuel Gonçalves Tinoco, António Tomás Quartim e, sobretudo, Domingos José de Moraes que, além de outras contribuições, à sua custa mandou construir o hotel, sem disso lhe resultar o menor benefício material. No respeito ao auxílio do Estado, foi decisiva a intervenção de Manuel Afonso de Espregueira.

(2) ALBANO BELINO — *A Cidade Velha de Santa Luzia*, in «A Aurora do Lima», Jornal de Viana do Castelo, n.º 7027, de 12/9/1902.

(3) A reconstituição das casas e a identificação do castro com qualquer das povoações citadas pelos historiadores e geógrafos da antiguidade romana foram, sem dúvida, as constantes preocupações dos exploradores do castro de Santa Luzia. Não se sabe quem foi da lembrança de dar àquela estação arqueológica a designação de «ruínas de Britónia», com a qual se generalizou na imprensa e até nos papéis oficiais. F. da Guerra, no artigo *Limia e Brutobriga* (in «O Arch. Port.», vol. V, pág. 2 — Lisboa, 1900), refuta a hipótese, mas substitui uma identificação por outra igualmente errónea, ao relacionar as ruínas de Santa Luzia com a desaparecida cidade de Brutóbriga.

as indicações de Figueiredo da Guerra (1), assim como promoveu uma visita de J. Leite de Vasconcelos. Este seguiu para Santa Luzia na madrugada de 6 de Agosto daquele mesmo ano de 1902 e opinou que nenhum acrescento se fizesse nas paredes das casas.

Das escavações desse ano, em que também intervieram Magalhães Moutinho e Figueiredo da Guerra, e que tiveram também o patrocínio de António Tomás Quartin, Belino apenas nos apontou o achado de um pequeno bronze de Galieno, da parte superior de uma ara de granito que se encontrava na vedação de uma parede contígua ao castro e de uns penedos com «fossettes», grandes cavidades e círculos insculturados, que diz abundarem entre as ruínas (2), os quais entende deverem ser conservados, especialmente o que estava «um pouco atrás da capela de Santa Luzia».

(1) As reconstituições, do ponto de vista científico, não têm valor, pois que, havendo que inventar-se elementos cuja autenticidade não pode ser absolutamente comprovada pelos próprios achados arqueológicos, eles podem estar errados. Reconstruir o que de certeza se não sabe como era pode redundar em produto de pura fantasia.

Até certo ponto, contudo, não é difícil acertar. Ora, como as ruínas arqueológicas não interessam apenas à Ciência, mas também ao grande público, particularmente ao turista, não se nos afigura prejuízo de maior a reconstrução da parcela de um castro, desde que os acréscimos fiquem bem distintos do que for da primitiva. Tanto mais que certas obras de consolidação tomam por vezes, e necessariamente, aspecto de verdadeira reconstrução.

Nisto estamos com Martins Sarmiento e F. Alves Pereira. Manter as ruínas castrejas sem consolidação, reconstrução ou restauro de nenhum modo enganador de entendidos é consentir no seu rápido desmantelamento, sem que a grande maioria dos que as visitam fique mais fielmente ilustrada.

(2) Actualmente ainda restam alguns cabeços com pequenas marmitas e alguns sulcos, mas tudo por efeito da erosão, e não devido a trabalho humano. Do mesmo modo, são naturais os pretensos sulcos e cavidades cujas fotografias, por indicação de Simões Viana, o Prof. Mendes Corrêa inseriu em «Os povos primitivos da Lusitânia».

Deste último se ocupara Fonseca Cardoso (1), após a visita que efectuou a Santa Luzia, em Outubro de 1893. Tratava-se de um penedo com 4,^m50 de comprido por 2,^m60 de altura máxima, contendo sessenta e duas cavidades. A descrição de Fonseca Cardoso é minuciosa e acompanhada de um desenho, mas este apenas nos permite fazer ideia da forma geral do rochedo; a disposição das covas e covinhas e sulcos comunicadores não aparece, e isto é o que mais interessava conhecer.

O prestante investigador termina a sua notícia por esta profética advertência: «O rochedo insculpturado de Santa Luzia, que acabo de descrever, tão interessante na solidão mística da ravina onde assenta, arrisca-se a, mais dia menos dia, ser dilacerado por um tiro de dinamite. E é mais um monumento pré-histórico que se perde, como tantos outros, neste desbarato das nossas antiguidades nacionais». E o mau fado cumpriu-se! (2).

Da visita de José Leite de Vasconcelos, feita em 6 de Agosto de 1902, resultou o mais proveitoso artigo até hoje publicado sobre a cidade daquela estância (3). Nele nos diz, além de outros importantes esclarecimentos, que as casas até então desenterradas eram circulares, oblongas ou quadriláteras, formando às vezes grupos fechados por parede própria, havendo entre elas ruas calcetadas, umas

(1) FONSECA CARDOSO — *Penedo com insculpturas, nos arredores de Vianna do Castello*, in «O Arch. Port.», vol. III, pág. 170.

(2) Este penedo estava no cimo do pequeno outeiro existente por detrás da actual basilica, hoje rebaixado de muitos metros pela extracção de pedra para as obras do templo. Além do penedo das insculpturas houve aí também um marco divisório. Tudo desapareceu cerca de 1922, mais ou menos na altura em que o hotel começou a funcionar e em que se estabeleceram diversos litígios com os quais sob capa de benemérencias, se atentou contra direitos da Confraria de Santa Luzia e da freguesia de Areosa.

(3) J. L. de VASCONCELOS — *Cidade Velha de Santa Luzia*, in «O Arch. Port.», vol. VIII, Lisboa, 1903, pág. 15. Publicara-o primeiro no periódico vianense «A Aurora do Lima», de 23/8/1902.

com 0,^m45, outras com 0,^m64 de largura. Que o limiar das portas nem sempre era junto ao chão, mas sim em altura tal que seria necessário utilizar uma escada. Pareceu-lhe que as construções secundárias junto das casas deviam ter servido para acomodação de gados e que o cercado acaso desempenharia a função de quinteiro.

O pavimento de algumas casas era de argamassa. No centro das casas redondas havia frequentemente, fixa no chão, uma pedra de 0,^m20×0,^m25, mais ou menos, a qual, em seu entender, servia para se apoiar nela a coluna que sustentava o tecto (cónico). Acha impossível que tais pedras houvessem servido de lareira, como alguns pretendem, sem repararem na pequenez delas.

Notou serem faceadas de um lado as pedras das paredes das casas e a frequente colocação das mesmas em fiadas oblíquas, tanto nas casas como nas muralhas. Mediu uma casa circular e outra elíptica, achando 3,^m30 no diâmetro daquela e 6,^m50 no eixo maior desta última.

Enumera os principais objectos achados até então nas escavações das ruínas, reproduzindo em desenho as que assinalamos com um asterisco: — « fragmentos de cerâmica pré-romana; uma fibula de bronze (*); um alfinete de bronze com vestígios de ornatos circulares na cabeça (*); mós manuais de pedra; muitos pedaços de ânforas romanas (asas, fundos, bordos, etc.); uma mão de almofariz de pedra; um peso de pedra com um sulco circular em cima; outro peso de pedra (*); um cossoiro romano de tijolo, cilíndrico, com um furo de um lado, e começo de outro no lado oposto (*); e uma moeda de Galieno (1).

Estes objectos achavam-se na Câmara Municipal. Na biblioteca do Liceu havia, também prove-

(1) Nota de L. de V. — «GALLIENS AVG. Cabeça voltada para a direita, com coroa radiada, cujas fitas caem na nuca. Circuito de traço contínuo. Reverso — IOVI CONS AVG. Cabra de pé, sobre um traço, voltada para a direita (galhos e barba já pouco distintos). No exergo: S. — Circuito de traço contínuo.» Belino lera DIANA, em vez de IOVI.

niente de Santa Luzia: «pregos de bronze romanos, fragmentos de barro ornamentado (*) e uma árua de bronze (*) muito curiosa, pelas suas pequenas dimensões, e como a qual nunca vi outra nos museus que tenho visitado, quer em Portugal, quer lá fora».

Supomos que estes objectos do Liceu foram dos achados nas escavações de 1876. No mesmo artigo se vê também o desenho do fragmento da ara de granito achado por Albano Belino.

Leite de Vasconcelos conclui com os seguintes períodos: «Merecem o maior elogio os cavalheiros que tomaram a peito, com o aformoseamento do monte de Santa Luzia, a ressurreição da Cidade Velha». E ainda: «As ruínas de Santa Luzia, expostas ao público, convenientemente resguardadas, constituirão, à maneira de museu, lição permanente de história antiga, ao mesmo tempo que servirão de grande atractivo a quem aí for».

Decorreram dezenas de anos. O tojo, a carasca, o silvado, as mimosas foram invadindo as ruínas. Sobre estas foi-se criando novamente uma camada de terra vegetal. O terreno pertencia à freguesia de Areosa. O mato era sorteado, tinha dono e rôço periódico, não sendo raro andarem por ali algumas cabras e vacas, a pasto.

O pouco das ruínas que já aflorava à superfície do terreno era amiúde danificado pelos guardadores do gado, e também pelos ranchos em pique-nique, fazedores de fogueiras em cozinhas improvisadas à custa das pedras das paredes, e cobriam tudo com os restos dos repastos.

Em 1935 e anos seguintes, por iniciativa da Direcção dos Monumentos Nacionais, procedeu-se à limpeza geral do castro, profundando-se e completando-se escavações anteriores, sendo entregue a Tomás Simões Viana a direcção dos trabalhos. A limpeza e desobstrução durou até 1939, estando nós plenamente convencidos de que desta vez a escavação foi levada até o limite próprio, fazendo-se cuidadosa crivagem das terras, o que explica a elevada quantidade de pequenos objectos exumados em uma área já em outros tempos escavada.

Ignoramos se a Direcção dos Mon. Nacionais guarda quaisquer relatórios de Simões Viana. Este apenas publicou curtíssima nota em um número único denominado «Romaria da Agónia», nota que tem a data de 1 de Julho de 1939.

Depois de informar que o castro está situado no terreno contíguo ao cômodo onde se edificou o hotel, e que desse ponto se avistam outros castros, como os de Montedor, Areosa, Perre, Cardielos, Vila Franca, Vila Fria, Deão, Darque, etc., diz: — «Da densidade da população castreja de Santa Luzia podemos avaliar pelo número de habitações exumadas até hoje, pois se contam 57, de formas geométricas variadas, num espaço que não excederá a 40.000 metros quadrados».

«A área ocupada pela povoação fortificada atingiria todo o espaço compreendido pelo terreno até agora explorado, todo o parque ou jardim, a bouça chamada do *Pepino*, o sítio onde se está construindo a igreja, a Bouça do Lebre e, finalmente, ainda uns terrenos nas imediações da Casa do Albino. Devemos dizer que se encontram restos de casas com a forma circular perto da Fonte dos Mouros, o que nos leva a concluir que o povoado castrejo se estendia pelas vertentes da montanha, indo pela Areosa até aos Eidos, e pela Abelheira até às proximidades dos Rubins».

«Esta opinião foi-nos mais tarde confirmada pelo arqueólogo vianense Dr. Luís de Figueiredo da Guerra, que em 1876, juntamente com Possidónio da Silva, procedeu às primeiras escavações na *Cidade Velha*». Seja dito, de passo: o explorador foi, propriamente, Possidónio, e Figueiredo da Guerra observador, ou acompanhante.

Quanto aos achados, refere «terem-se encontrado interessantes objectos de adorno, como sejam: contas em bronze, fíbulas, alfinetes de cabelo com ornamentações, e uma moeda em prata com a effigie de Augusto coroadado de louros»... etc.

E aqui fica quase na íntegra o relato de Tomás Simões Viana, falecido em 1946.

Quando a Câmara Municipal, em 1922, criou o Museu Regional, transitaram para este os objectos que até essa altura se haviam depositado na Câmara

e no Liceu, reunindo-se a eles os resultantes das últimas escavações.

No ano de 1945, um dos signatários da presente resenha (A. Viana), visitando o castro, aonde não ia deste 1932, reparou que na casota elíptica que na Fig. 2 assinalamos com a letra *c* havia um montão de fragmentos de cerâmica, no geral pequenos, todos sem ornato ou particularidade que interessasse ao conhecimento da forma das vasilhas a que pertenceram. Além destes rebotalhos cerâmicos, Simões Viana deixou ali, certamente por entender que não faziam falta ao Museu, várias pedras perfuradas e alguns instrumentos de quartzite lascada, tendo A. Viana remetido estas últimas peças para o Museu dos Serviços Geológicos de Portugal.

Alguns anos depois, o segundo signatário (Sousa Oliveira), já então Director do Museu de Viana, fez recolher a este os demais objectos que julgou aproveitáveis e que jaziam dispersos nas ruínas da citânia. Durante as obras que ultimamente se fizeram no hotel, os operários acharam junto do edifício, e no meio de terra de entulho a pedra lavrada em ângulo recto, que apresentámos sob os n.ºs 24 e 27 da Est. II, pedra que Sousa Oliveira fez também recolher ao Museu.

Vamos passar à descrição dos objectos actualmente existentes e atribuídos à citânia de Santa Luzia. Salvo os publicados por J. Leite de Vasconcelos, e tantas vezes reproduzidos por outros autores, tudo permanece inédito e esteve até agora não inventariado, tendo como único registo a memória de um empregado, há anos falecido. Na devida altura indicaremos as peças cuja procedência de Santa Luzia nos parece duvidosa.

CERÂMICA

a) Fragmentos ornamentados

N.º 20: 1 — Fragmento cinzento esbranquiçado. Na face interna, uma ligeira camada cinzenta escura. Pasta com bastante mica. Ornato: Ligeiras caneluras e toros delimitando estreitas faixas lisas. Uma destas faixas tem uma linha em zigue-zague e, mais

abaixo, outra com pequeninas incisões verticais. Espes. 0,^m006 a 0,^m008.

2—Fragmento de bordo. Cinzento amarelado. Pasta com pouca mica. Ornato: Dois toros largamente intervalados e com incisões oblíquas, que lhes dão o aspecto de cordões. Espes. 0,^m005.

3—Fragmento de bordo. Cinzento amarelado. Pasta com alguma mica. Ornato: Curtas incisões verticais, no rebordo. Espes. 0,^m011.

4—Fragmento de bordo. Cinzento avermelhado. Pasta acinzentada com alguma mica. Ornato: Sulcos ligeiramente oblíquos. Espes. 0,^m014.

5—Fragmento de bordo. Cinzento esbranquiçado. Acinzentado na face interna. Ornato: Como o n.º 3. Espes. 0,^m018.

6—Vermelho acastanhado. Pasta muito mais perfeita e muito diferente das anteriores e das que vão a seguir. Ornato: Toro muito saliente em cima e larga faixa de longas incisões verticais. Espes. 0,^m005 a 0,^m008. Este fragmento pertence ao mesmo vaso que o n.º 8.

7—Cinzento amarelado. Pasta com bastante mica. Ornato: Palmípedes entre dois toros. Espes. 0,^m005.

8—Pasta igual à do n.º 6, pois o fragmento deve ter pertencido ao mesmo vaso. Ornato: Logo abaixo do rebordo saliente há uma larga faixa de incisões verticais, seguindo-se-lhe por baixo duas estreitas faixas lisas, separadas por leves caneluras, e duas estreitas faixas de círculos tangentes, com os discos muito relevados. Espes. 0,^m005 e 0,^m007.

9—Cinzento esbranquiçado. Negro na face interna. Pasta grosseira, porosa, com bastante mica. Ornato: Cordão. Espes. 0,^m010 e 0,^m0015.

10—Cinzento acastanhado. Pasta grosseira, com mica. Ornato: Faixa de linhas entrecruzadas. Espes. 0,^m003.

11—Vermelho acastanhado. Pasta bastante grosseira, cinzento amarelada. Ornato: Faixa de incisões oblíquas. Espes. 0,^m006.

12—Pequeníssimo fragmento com ornato de p.^{tos}

13—Cor cinzenta. Pasta imperfeita, cinzento esbranquiçada. Ornato: Faixa de linhas entrecruzadas. Espes. 0,^m004.

14—Cinzento avermelhado. Pasta com alguma mica. Ornato: Idêntico ao do n.º 21 da fotografia seguinte.

N.º 21: 1—Fragmento cor de tijolo. Pequena camada desta cor a revestir uma pasta acinzentada, de fabrico grosseiro. Ornato: Sulcos e toros formando canelado. Espes. 0,ª006.

2—Vermelho acastanhado. Pasta fina, homogénea. Ornato: Estreita faixa de triângulos, e outra, mais larga, de arcos de círculo com ponto ao centro. Espes. 0,ª005.

3—Cinzento amarelado. Pasta de fabrico grosseiro, com alguma mica. Parece que o ornato era de grandes triângulos alinhados entre dois sulcos paralelos, horizontais. Espes. 0,ª005.

4—Castanho avermelhado. Pasta acinzentada, porosa, com alguma mica. Ornato: Três sulcos delimitando duas faixas, uma lisa, outra preenchida por leves incisões oblíquas. Espes. 0,ª003.

5—Cor castanha. Pasta cinzento amarelada, grosseira, com alguma mica. Ornato: Toro muito saliente. Espes. 0,ª005.

6—Castanho escuro. Pasta grosseira, porosa e com bastante mica. Ornato: Três toros, lisos. Espes. 0,ª006.

7—Cinzento amarelado. Pasta porosa e amarelada, com pouca mica. Ornato: Duas filas de «SS», ou palmípedes estilizados. A face interna é de cor preta, devida à utilização. Espes. 0,ª005.

8—Castanho acinzentado. Pasta porosa. Ornato: Toro com fortes incisões oblíquas. Espes. 0,ª003 e 0,ª0015.

9—Cor cinzenta. Pasta porosa, com alguma mica. Ornato: Grandes triângulos de lados duplos, isto é, com os lados formados por duas linhas paralelas, alinhando as bases sobre duas faixas lisas. Espes. 0,ª0045.

10—Cinzento amarelado. Pasta porosa. Ornato: Faixa de linhas entrecruzadas diagonalmente em ângulo recto. Espes. 0,ª003.

11 — Amarelo esbranquiçado. Pasta porosa com alguma mica. Ornato: Uma protuberância mamilar. Esp. 0,^m004 a 0,^m005.

12 — Cinzento acastanhado. Pasta grosseira e porosa com bastante mica. Ornato: Toro com incisões em espinha. Esp. 0,^m006.

13 — Amarelo torrado. Pasta da mesma cor, homogénea. Ornato: Linhas e pontos incisos. Esp. 0,^m004.

14 — Vermelho vinoso na face externa e negro na interna. Pasta rija, grosseira, porosa, de cor esbranquiçada. Ornato: Faixa curva, em relevo, com pequeninas covas circulares. Esp. 0,^m007.

15 — Castanho avermelhado. Pasta homogénea, da mesma cor. Ornato: Dois mamilos colocados em diagonal sobre faixas preenchidas por dupla fila de círculos tangentes, ficando relevado o círculo dentro destes. Esp. 0,^m004.

16 — Cinzento na face externa e castanho escuro na interna. Pasta amarelada, porosa. Ornato: Faixa de linhas incisivas, entrecruzadas. Esp. 0,003.

17 — Cor castanha. Pasta grosseira e porosa, com bastante mica. Ornato: Faixa de incisões em espinha. Esp. 0,^m007.

18 — Cor castanha. Pasta grosseira e porosa, com bastante mica. Ornato: Dois toros paralelos. Esp. 0,^m005.

19 — Cinzento esbranquiçado. Pasta imperfeita e porosa, com alguma mica. Ornato: Faixa de linhas entrecruzadas e outra de largas incisões verticais, de execução muito grosseira. As duas faixas estão separadas por dois sulcos. Esp. 0,^m004.

20 — Amarelo terroso. Pasta porosa, da mesma cor, com alguma mica. Ornato: Faixa com uma linha quebrada em cujos vértices há pequeninos círculos que delimitam pontos com algum relevo. Esp. 0,^m005.

21 — Castanho amarelado. Pasta porosa, com alguma mica. Ornato: Faixa lisa e duas com incisões oblíquas, separadas por leves caneluras. Esp. 0,^m004.

N.º 82 — Minúsculo fragmento cor de tijolo, com a figura de um homem que transporta sobre o ombro

esquerdo talvez o corpo de outro homem ou mulher. Por detrás parece haver outra figura humana.

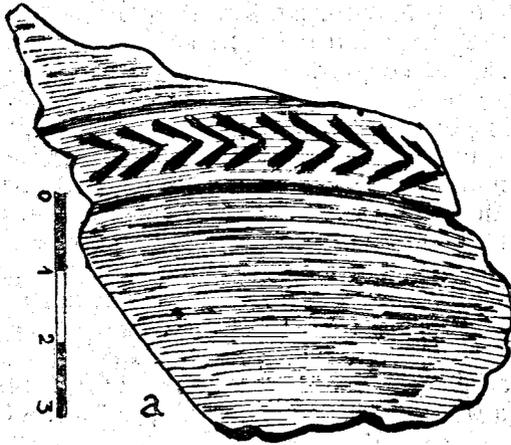


Fig. 4 — *Fragmento de «terra sigillata».*

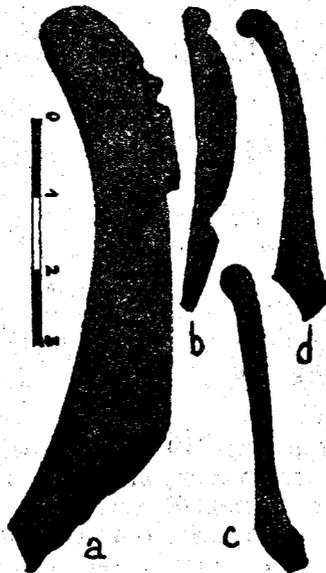


Fig. 5 — «Terra sigillata». *Perfis.*

b) Cerâmica grossa

N.º 69 — Nove fragmentos de bordos de vasilhas, representando a saliência semi-circular onde, na massa fresca, se praticou um orifício de suspensão, introduzindo-se de dentro para fora uma haste cilíndrica. Há outros que se não reproduzem aqui, entre os quais um em que a parte do bordo portador do orifício não forma a referida saliência. Estes fragmentos são de cor castanha, castanho amarelada, e avermelhada. Em todos eles a pasta é grosseira, porosa e com muita mica. Todos conservam vestígios de fuligem. A espessura, nos nove exemplares, é a seguinte, de cima para baixo e da esquerda para a direita: 0,^m008; 0,^m004 a 0,^m008; 0,^m004 a 0,^m010; 0,^m009 a 0,^m012; 0,^m0035 a 0,^m005; 0,^m003 a 0,^m007; 0,^m006 a 0,^m010; 0,^m003 a 0,^m010; 0,^m004 a 0,^m010.

N.os 60-62-63-64 — Bordos de ânfora.

N.os 37-38-45-50-52-58-65-66-70 e 71 — Bicos fundeiros, de ânfora.

N.os 51-61-68-74-75 e 79 — Asas de ânfora.

N.º 83 — Bordo de vasilha.

c) Terra sigillata

Contam-se apenas 10 fragmentos, 7 dos quais pertenceram a três vasos diferentes, sendo indeterminados os três restantes. Ao vaso que supomos ter sido o maior pertence o fragmento com ornato em espinha, que vai reproduzido na Fig. 4, cujo perfil é o da Fig. 5-*a*. Na mesma Fig. 5 damos o perfil de três outros fragmentos (*b*, *c*, *d*).

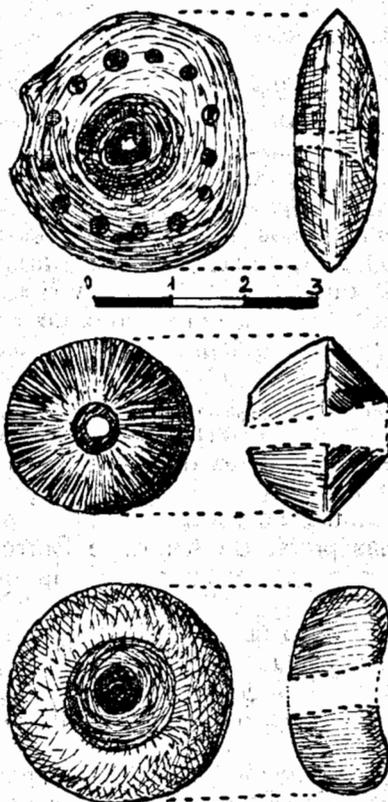


Fig. 6 — *Cossoiros de barro*

d) **Cossoiros**

Das explorações antigas havia diversos exemplares (n.º 56), sendo os mais curiosos os três que vão reproduzidos na Fig. 6.

MATERIAL LÍTICO

a) Pedras furadas

N.ºs 15-16-17-18-26-28-40-42-43-44-47-49 e 59 — Estas pedras mais ou menos oblongas e furadas em um dos topos abundam em Santa Luzia, sendo também frequentes em outros castros. Não é fácil determinar a função que teve cada uma destas pedras, pois ainda em tempos modernos elas se empregaram para diversos fins: embutidas nas paredes exteriores de casas, ou nos muros, umas vezes para prisão de gados, outras para enfiamento de couceiras de portas e cancelas; pendentes na extremidade de cordas, a fim de sujeitar a cobertura de colmo ou de junco, nas cabanas e pilhas de sargaço seco; nas paredes ou no fundo das « portas » das camboas, para enfiamento das varas destinadas a manter erguidas as redes de cerco.

Nestas últimas serventias ainda há poucos anos as víamos, nas praias de Areosa e Carreço, e entre as penedias cobertas pelas marés, na mesma zona da costa minhota.

Os orifícios são quase sempre circulares, havendo-os também ovalados e rectangulares. A rocha mais empregada é o *gneiss*, vindo depois o granito, ambos da região, aparecendo o primeiro em afloramentos ao longo da costa.

Eis o comprimento, largura e espessura (medidas máximas) de alguns exemplares: o n.º 26, de *gneiss* — $0,^m 61 \times 0,^m 31 \times 0,^m 045$; outros — $0,^m 60 \times 0,^m 205 \times 0,^m 085$; $0,^m 410 \times 0,^m 240 \times 0,^m 080$; $0,^m 325 \times 0,^m 180 \times 0,^m 045$; $0,^m 310 \times 0,^m 450 \times 0,^m 050$; $0,^m 210 \times 0,^m 135 \times 0,^m 035$.

Outras pedras semelhantes, porém muito mais pequenas, com $0,^m 150$ de comprido e ainda menos, devem ter servido de pesos, ou em teares ou em qualquer outra coisa.

b) Pedras aguçadas

N.ºs 30-39-41-53-54-55 e 67 — Estas pedras, umas também de granito, outras de *gneiss*, são grosseira-

mente cónicas, ou afusadas. Tem-se-lhes atribuído, assim como à que representamos sob os n.ºs 24-27, significado votivo, entendendo-se que se pareçam com cornos e tenham sido pedras-trofeus.

Como figurações de chifres parecem-nos demasiado grosseiras, porquanto não mostram curvatura propositada, aliás fácil de dar ao bloco de pedra. A n.º 27, da qual apresentamos outro aspecto sob o n.º 24, é como que dobrada em ângulo recto. Quanto a esta, vê-se claramente que se lavrou para ser embutida numa parede, e que nela se poderia pendurar ou prender qualquer coisa.

Das restantes não se poderá dizer o mesmo, pois não mostram, ou não conservam na base a parte afeiçoada para se meter em parede.

Um dos signatários (Sousa Oliveira) as fez recolher ao Museu Regional de Viana, nestes últimos dois anos.

c) Trísceles

N.ºs 76 e 77 — São duas pedras de granito, com o suástica vasado. Medem $0,^m435 \times 0,^m410 \times 0,^m055$ e $0,^m400 \times 0,^m360 \times 0,^m100$.

Na época da dominação romana aparecem pedras semelhantes, com sexifólio, a servir de ralos de esgoto, conforme se verificou na Terragem, (1) e pode ser visto em Condeixa (ruínas de Conímbriga). Não é este, porém, o caso de Santa Luzia. Aqui elas deviam ter servido para dar entrada de ar e luz, e saída de fumo. Infelizmente, nenhuma apareceu em seu lugar primitivo, nem neste nem noutros castros onde pedras desta espécie têm sido achadas.

d) Mós

N.ºs 7-8-9-10-14 (22-23) e 25 — Três mós dormentes e duas girantes. Apenas duas combinam

(1) Vid. ABEL VIANA — *Contribuição para a arqueologia dos arredores de Elvas*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», vol. XII, Porto, 1950.

entre si. São de granito. Altura e perímetro de algumas: n.º 7—0,^m 26 e 1,^m 70; n.º 8—0,^m 19 e 1,^m 125; n.º 9—0,^m 150 e 1,^m 240; n.º 10—0,^m 220 e 1,^m 110; n.º 22-23—0,^m 170 e 1,^m 120.

e) Pias

Estas pequenas pias, sem dúvida destinadas a comedouros e bebedouros de pequenos animais domésticos (aves, talvez), são frequentes nos castros e aparecem também nas aldeias próximas daqueles, de onde seria fácil transportá-las, a fim de serem utilizadas no mesmo serviço.

N.º 32—Eixo maior 0,^m 495; eixo transverso 0,^m 44; altura 0,^m 27; profundidade da parte escavada 0,^m 095.

N.º 48—Perímetro 0,^m 670; altura 0,^m 170; profundidade 0,^m 085.

f) Instrumentos paleolíticos reutilizados

Os instrumentos de quartzite lascada que o signatário A. Viana recolheu e hoje pertencem ao Museu dos Serviços Geológicos são: seis instrumentos languedocenses, tornados a utilizar na época dos castros, sendo cinco calhaus truncados em uma das extremidades e um calhau raspador; dois calhaus-percutores, de época post-paleolítica. Destes instrumentos paleolíticos com sinais de utilização na época dos castros têm os signatários colhido muitos exemplares em povoados castrejos de Areosa, Carreço, Afife, Gondarém e Roques (Vila de Punhe).

g) Diversos

Há outras pedras, de vários feitios, tais como o percutor de quartzite figurado sob o n.º 31, o pequeno esteio em forma de estela (n.º 57), etc. Aqui incluímos também duas peças que, embora dadas como aparecidas no castro, supomos pertencerem a época posterior.

Uma delas é a espécie de silhar de granito, com um ornato em relevo cujo significado não logramos interpretar (n.º 84 — o ornato em relevo é o que na fotografia se vê em tom mais escuro). As medidas máximas são: alt.—0,^m375; larg.—0,^m54; espes.—0,^m205.

O outro objecto é a pequena pia de que damos três aspectos em 11, 12 e 13. Tem uma bica lateral. Parece ter servido de almofariz, ou para produzir pequenas quantidades de líquido obtido por esmagamento de quaisquer frutos ou sementes. Tem no lado esquerdo, grosseiramente insculpida, a figura de uma cabeça humana, e no lado direito uma figura idêntica, lavrada ainda com mais rudeza. Na face oposta à bica tem, igualmente gravada, um grupo de siglas. Alt. 0,^m17; diâm. 0,^m67; profundidade da parte escavada 0,^m085; compr. da bica 0,^m07.

OBJECTOS DE BRONZE

N.º 5 (e 73) — Árula de bronze. Altura — 0,^m05. Peso — 40 gr. Tem uma sigla gravada no fuste. Publicada por L. de Vasconcelos.

N.º 33 (e 73) — Peanha de um ídolo. Tem as faces com ornato constituído por pequeninas incisões. Vimos uma peanha como esta no Museu Arqueológico da Corunha, conservando a estatuetazinha do ídolo, mas não conseguimos averiguar da sua exacta procedência. Alt. 0,^m026.

N.º 4 — Fivela ornamentada nas duas faces, com botões terminais também ornamentados. Diâm. 0,^m05.

N.º 35 — Fivela circular. Peso — 30 gr.

N.º 6 — Conta esférica, com ornato. Peso — 16 gr.

N.º 73 — Quatro contas de colar, argolas (talvez de correame) e elementos de fibulas (além da árula, peanha e duas fivelas, que se repetem aqui para avaliação do tamanho dos restantes objectos).

N.º 72 — (parte média e superior) e n.º 81 (parte superior) — Vinte e cinco alfinetes e cabeças de alfinetes, quase todas ornamentadas.

N.ºs 78 e 72 — (parte inferior) — Setenta e um pregos de diversos tamanhos. Mede o maior 0,^m140 e o menor 0,^m054 de comprimento.

Há, ainda, dois fragmentos de agulhas, anilhas, uma pequena chapa com um cravo, outros objectos menores e resíduos de fundição.

MOEDAS

N.º 80 — Dão-se como aparecidas nas diversas escavações da Citânia as seguintes: um denário da Família *Júlia*; um denário de *Augusto*; fragmentos de uma moeda de prata, de *Constâncio*; fragmentos de uma moeda imperial, de prata; um grande bronze de *Cláudio I*; um médio bronze com o anverso apagado e *Senatus Consultum* no reverso; um médio bronze de *Philippus*; um bronze mínimo de *Probo* (?); vinte bronzes mínimos e fragmentos de outros, de *Constantino*. Há mais um bronze máximo, um médio e um pequeno, reduzidos a chapa. E também uma pequena moeda de prata, de D. João II, e dois céltis de D. Manuel I.

Claro que as moedas portuguesas — se é que, de facto, foram achadas na Citânia, não têm aqui significado arqueológico.

Algumas destas moedas, sobretudo as de prata, sofreram acção intensa do fogo. A grande maioria dos bronzes mínimos está muito danificada. O bronze de Filipe acha-se em magnífico estado de conservação e, além disso, tem o mesmo cunho em ambas as faces (o do anverso). Dá ideia de falsificação moderna. Uma das de Constantino é como a descrita por Teixeira de Aragão sob o n.º 2.220. Não vemos a moeda de Galieno, assim como a outra, com golfinho e a legenda de Concórdia, achadas nas escavações de 1876.

Repetimos, nem todas estas moedas terão sido achadas no castro de Santa Luzia. Consta que, por ocasião da visita do Príncipe D. Luís Filipe a Viana do Castelo, em 9 de Outubro de 1901, lhe foram oferecidas quatro moedas romanas, das achadas no castro, entre elas a única de ouro ali colhida, visto o Príncipe ter mostrado desejo de as possuir.

*

Aí fica relacionada a grande maioria das peças até agora exumadas, e entre elas as mais importantes, ou de mais saliente interesse. Salvo a árula de bronze, não reproduzimos aquelas que já foram divulgadas por J. Leite de Vasconcelos ⁽¹⁾, José Fortes ⁽²⁾, Mendes Corrêa ⁽³⁾, etc.

O primeiro publicou: fibula que serviu de padrão ao tipo que denominou « de Santa Luzia »; um dos alfinetes de bronze; uma pedra perfurada (peso); um cossoiro de barro (disco liso, feito de um caco); um fragmento de vasilha de barro, ornamentado; a árula de bronze e o fragmento (parte superior) da ara de granito. E, como dissemos já, duas estampas com aspectos da Citânia, feitas por fotografia.

Mendes Corrêa, nos « Povos primitivos da Lusitânia », insere duas fotografuras com aspectos da citânia e outras duas com penedos insculturados — nos quais, por nós examinados directamente, nada vimos que parecesse artificial — e o desenho de um fragmento cerâmico ornamentado (págs. 271, 273 e 285, respectivamente); em a « Lusitânia pré-romana », um fragmento cerâmico e um aspecto das ruínas (pág. 187 e 203).

CONCLUSÕES

Tanto na arquitectura como nos objectos exumados, o castro de Santa Luzia enfileira perfeitamente com aqueles do Minho e da Galiza em que a romanização se fez sentir com maior ou menor intensidade.

Não vamos entrar aqui no estudo dos materiais exumados, dado que esta notícia já vai longa. Lem-

(1) Op. cit.

(2) JOSÉ FORTES — *Fibulas e fivelas*, in « O Arch. Port. », vol. IX, pág. 3, Lisboa, 1904. — *As fibulas do Noroeste da Peninsula*, in « Portugalia », vol. II, pág. 16-17, Porto, 1905.

(3) A. A. MENDES CORRÊA — *Os povos primitivos da Lusitânia*, Porto, 1924. — *A Lusitânia pré-romana*, in « História de Portugal », dirigida por Damião Peres, vol. I, Barcelos, 1928.

braremos, todavia, algumas analogias. De um modo geral, os achados de Santa Luzia são idênticos aos da Citânia de Briteiros (a « Citânia », por antonomásia) (1).

Nesta se encontrou também a fíbula do tipo de Santa Luzia e, nas duas estações, se encontra também a fivela circular, de que em Santa Luzia aparece um exemplar de pontas reviradas sobre si, muito ornamentado (n.º 4), e um outro, de pontas direitas e singelas (n.º 35), mas com estreitamento no aro, no qual gira o fusilhão.

Idênticos também aos de Briteiros os alfinetes de bronze.

Na cerâmica há padrões semelhantes, de decoração geométrica incisa, mas a par desta há outra (n.ºs 3, 4, 5, 8 e 10), de que vimos amostras nos museus de Santiago de Compostela (Castros de Barma e Borneiro), Santa Tecla e Pontevedra.

O tríscelos simplesmente esculpido não apareceu em Santa Luzia, mas do vasado contam-se dois exemplares (n.ºs 76 e 77) análogos aos de Briteiros. Martins Sarmento entendeu que estas pedras fossem embutidas nas paredes das casas e servissem para dar entrada ao ar e à luz (2).

De Santa Luzia existe um cossoiro ornamentado com pequeninas cavidades circulares (Fig. 6), semelhantemente a um de Briteiros, sendo, no entanto, lenticular este de Santa Luzia, ao passo que o de Briteiros é cilíndrico. De forma bi-tronco-cônica há somente um exemplar (Fig. 6).

A « pedra-trofeu », conforme a classificação de Francisco Conde-Valvis Fernández, curiosa peça do castro galego de Armea, aparece igualmente em Santa Luzia (n.ºs 24-27) (3).

(1) Vid., principalmente, MÁRIO CARDOZO — *Citânia e Sabroso*, Guimarães 1930. — *Escavações na Citânia de Briteiros — Campanha de 1951*, in «Revista de Guimarães», vol. LXI, Guimarães, 1951 (c. sep.).

(2) Vid. «Portugalia», vol. I, pág. 2, nota 4.

(3) *La « Cibdá » de Armea*, in «Boletín del Museo Arqueológico Provincial de Orense», Tomo VI, Orense, 1952.

Em estações de tipo castrejo, onde a estratigrafia, quando existe, é escassíssima ⁽¹⁾, do que resulta raro se aproveitar uma peça de vidro, e a cerâmica aparecer miudamente fragmentada e dispersa, tendo, portanto, desaparecido muita coisa no decurso do tempo, não devemos tomar por rigorosamente certas quaisquer conclusões baseadas nos materiais achados e não achados. Apesar disso, não podemos ajuizar de outro modo.

Assim, continuando o breve confronto entre Santa Luzia e Briteiros, vemos que na primeira destas estações a *terra sigillata* é muito escassa, e na segunda relativamente abundante, contando-se muitos fragmentos marcados com o carimbo do fabricante. Em Briteiros há lucernas, o que ainda se não achou em Santa Luzia, assim como não há notícia de ter sido encontrado aqui o peso de tear, de barro, que em Briteiros abunda.

Os fragmentos de *dolia* são poucos, sendo numerosos, em contrapartida, os de ânforas. Também a tégula, sendo frequente, está muito longe de aparecer na quantidade em que geralmente surge nas regiões meridionais do País, onde o estendal de fragmentos avulta quase sempre em terra lavradia, como resultado da destruição de necrópoles.

Quanto a Briteiros, diz Mário Cardozo: — ⁽²⁾ « Os fragmentos de telha plana e côncava, mas particularmente as *tegulae*, são abundantes na Citânia; supomos, porém, que este processo de cobertura era unicamente empregado nas casas de planta quadrangular e não nas redondas, que exigiam telhados cônicos, superfícies estas a que a larga telha plana se não adaptaria ».

(1) Temos visto falar de três, quatro e mais níveis em castros situados nestes fragedos graníticos, tão pobres de terra, mesmo nos intervalos dos rochedos, tão tocados pela mão do homem e abundantemente lavados das chuvas. Essas formações em estratos devem, certamente, ser de extensão muito reduzida e verificar-se apenas em raros pontos na área do castro.

(2) *Citânia e Sobroso*, pág. 28.

Assim o julgamos também. Tanto a *tegula* como o *imbrex* se empregaram na cobertura de casas de planta quadrangular como na construção de sepulturas, sendo estas últimas as fornecedoras de quase todos os exemplares inteiros existentes nos nossos museus, pertencendo às mesmas, também, quase todos os fragmentos que por toda a parte se nos deparam. Mas já vimos a tégula empregada em outros fins como, por exemplo, em muros de suporte.

Convém não esquecer, ainda, que a tégula se fabricou e utilizou durante muitos séculos após o termo da dominação romana, vindo mesmo até à época em que se fundou a nossa nacionalidade.

Nos castros, porém, ela não deveria ser utilizada senão na cobertura de casas rectangulares, pois não se vislumbra possibilidade de outra aplicação.

Vem a ponto dizer-se que ainda não vimos bem provada a existência de cemitérios dentro dos castros e citânias. Leite de Vasconcelos admite a existência de uma sepultura, formada por lajes, junto de uma das casotas de Santa Luzia. Se é a construção que nós conhecemos, no limite ocidental da parte escavada, mais nos parece um pequeno depósito de água, ou dispositivo para esgoto.

Os cemitérios dos castros, de alguns castros, pelo menos, segundo o que observamos em Vilar de Mouros, Seixas, Gondarém e Santa Tecla, estavam situados a certa distância, num socalco da encosta do cerro em cujo cimo assentava o castro, ou num plaino do vale próximo.

Com isto, queremos referir a verdadeiros cemitérios, ou melhor, a grupos de sepulturas como no caso de Seixas (1), coevas, portanto, da romanização.

Temos razões para crer que, em tempos anteriores, sendo de incineração o rito funerário, as cinzas mortuárias seriam tumuladas aqui e além, nos interstícios das fragas, com rudimentar protecção de

(1) Vid. ABEL VIANA — *Arqueologia do Alto Minho — Sepulturas luso-romanas em Seixas (Caminha)*, in «Notícias de Viana», n.º 132, Viana, 1930.

pedras toscas, o que tudo o tempo facilmente dispôs (1).

Acontecendo, para mais, não haver mobiliário fúnebre, ou ser este constituído apenas por alguns pedaços de vasilhas de barro e algumas pedras a que, por sua extrema rudeza, até agora se tem ligado pouco ou nenhum reparo.

*

A área do castro de Santa Luzia era, como já vimos, muito superior à que presentemente está exumada. Prolongava-se na direcção do sul e sudoeste, mas o núcleo principal devia andar pelo dobro da porção que se exumou, o que corresponde aproximadamente à área circunscrita pela muralha interna.

O esboço topográfico esboçado por José Caldas mostra-nos apenas a muralha interna. Faltam, em absoluto, indicações da média e também da exterior, cujo perímetro devia ter abarcado uma superfície considerável, por fora do qual também havia alguns alicerces de casas. Na Citânia havia, pois, arrabaldes acrescentados ao núcleo primitivo, como sucede em outras povoações proto-históricas cuja população teve sucessivos aumentos.

A construção das estradas, do reservatório das águas, do jardim e do hotel ocasionou a destruição desses restos que, todavia, julgamos não terem sido tão avultados como os que foram objecto de exploração arqueológica (2). Há, porém, uma considerável

(1) É o que depreendemos do achado de certos pequenos lençóis de cinzas com pedacitos de carvão, às vezes com minúsculos fragmentos de cerâmica, completamente incaracterísticos, quase reduzidos a grãos de barro cozido. Também é difícil destrinçar das cinzas e carvões provenientes da cremação de um cadáver, já que a acidez do solo dissolveu as partículas ósseas, as que resultam dos incêndios dos matos, em que o brazido consome o raizame das árvores e arbustos, até grande profundidade.

(2) As maiores depredações coincidiram com a abertura do hotel e os primeiros anos que se lhe seguiram. Vejam-se, por exemplo, alguns artigos de A. Viana, em «Notícias de

porção do castro, para a banda do poente, hoje coberta por densa mata, que nunca foi escavada, oferecendo uma área igual ou talvez superior à das ruínas postas a descoberto.

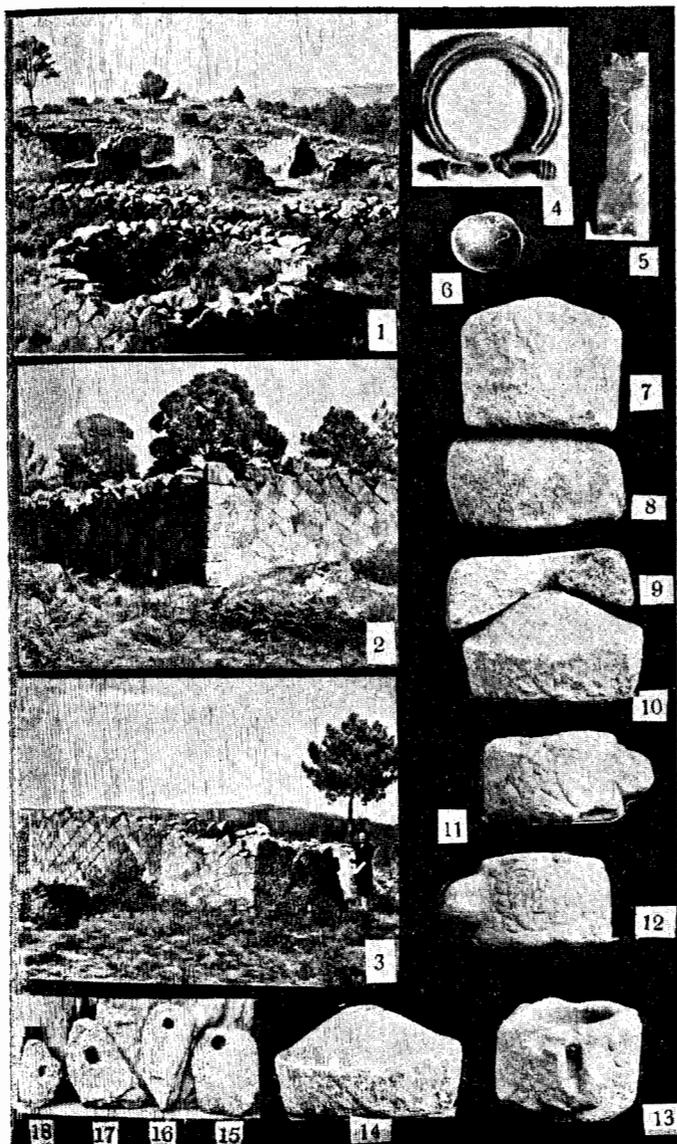
O hotel é de importância capital para a cidade de Viana e só é muito de estranhar que, após a sua construção, permanecesse tantos anos inaproveitado, e que, ainda há pouco, o seu funcionamento estivesse tantos anos interrompido. Agora, devidamente modernizado e ampliado, poderia manter boa vizinhança com a «Cidade Velha», sem que esta lhe fosse grandemente sacrificada, o que seria conseguível se entre nós se considerasse dignas de dispêndios avultados as boas soluções de casos tais.

À área destruída por efeito da construção do hotel e da estrada de acesso às trazeiras do mesmo, junta-se o arrazamento provocado pela recente ampliação. Durante o anterior funcionamento do hotel, parte das ruínas foi ocupada por capoeiros, pocilgas, depósitos de lenhas, um forno para destruição de restos de comidas, e até vasadouros de lixo.

Convencidos estamos de que os danos continuarão a ser perpetrados, no consabido régimen de anonimato e facto consumado. Limitamo-nos, portanto, a desejar que os estragos tenham a menor extensão possível.

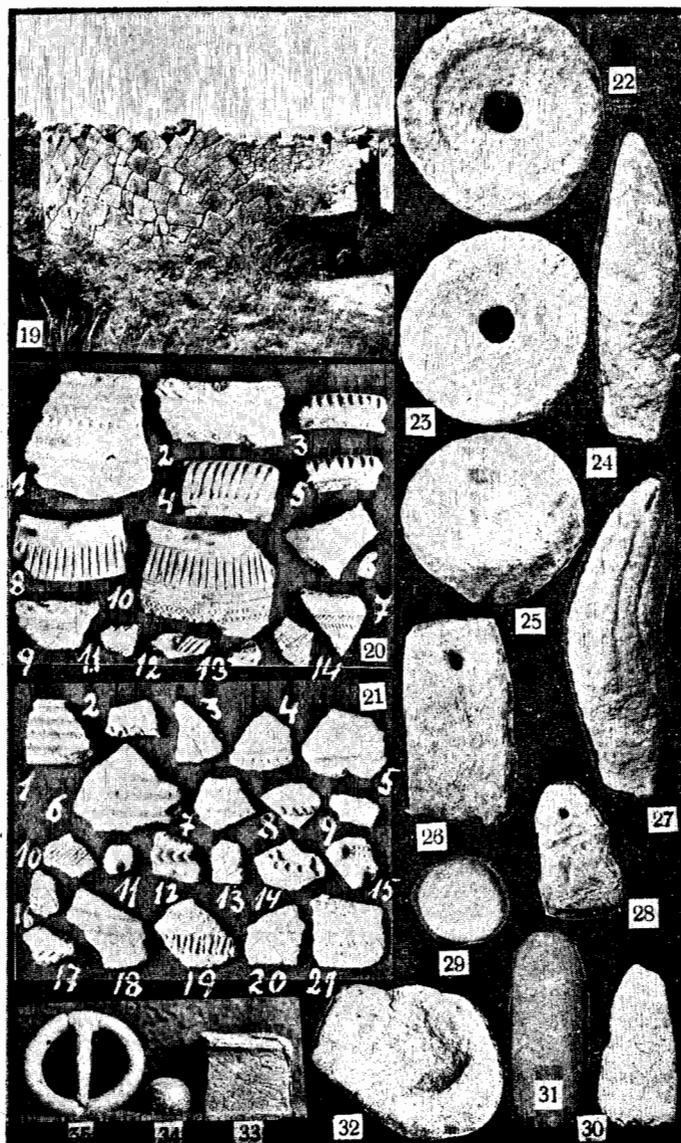
Que o catedrático estrangeiro possa, ao tornar ali, renovar o sonho de, naquele formosíssimo ambiente, reger um curso de arqueologia. Que se não esqueçam as palavras do sábio Leite de Vasconcelos: — «As ruínas de Santa Luzia, expostas ao público, *convenientemente resguardadas* (nós o sublinhamos), constituirão, à maneira de museu, lição permanente de história antiga, ao mesmo tempo que servirão de grande atractivo a quem aí for».

Viana», nos anos de 1928 e 1929, em defesa da «Cidade Velha». Outro tanto se tem verificado ultimamente, apesar das ruínas estarem classificadas de monumento nacional, pelo decreto n.º 11.452, de 19 de Fevereiro de 1926, o que levou, por mais de uma vez, o signatário Sousa Oliveira a solicitar a intervenção do guarda da Citânia, a fim de obstar à extracção de saibro na zona inexplorada, por detrás do hotel.

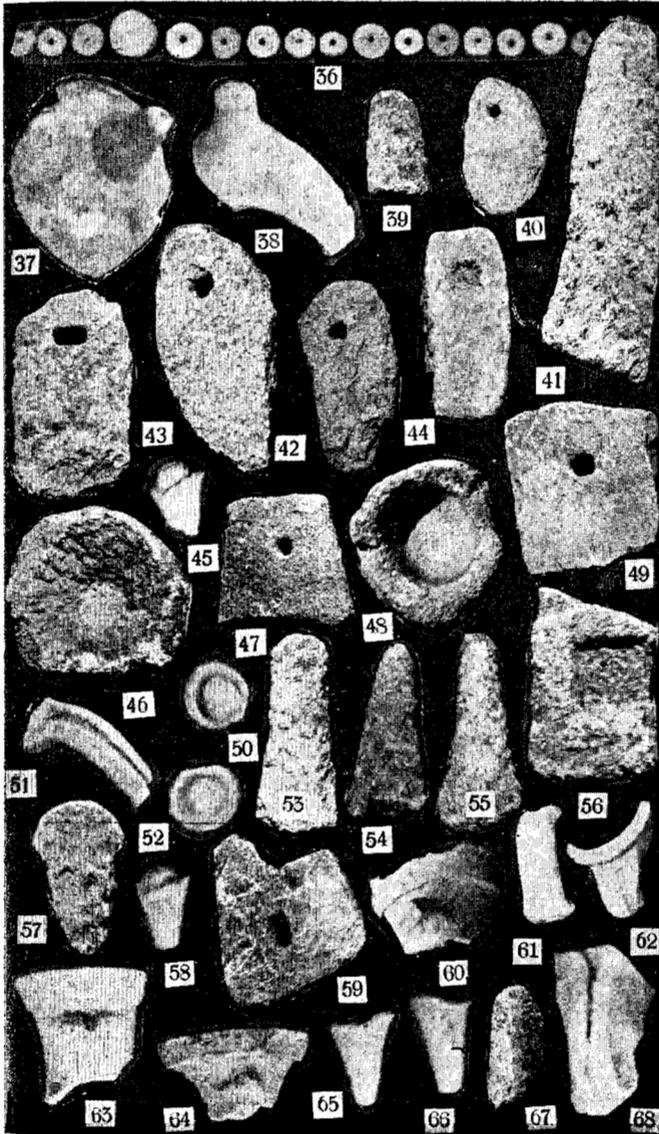


«Cidade Velha», em Santa Luzia (Viana do Castelo)

Est. II

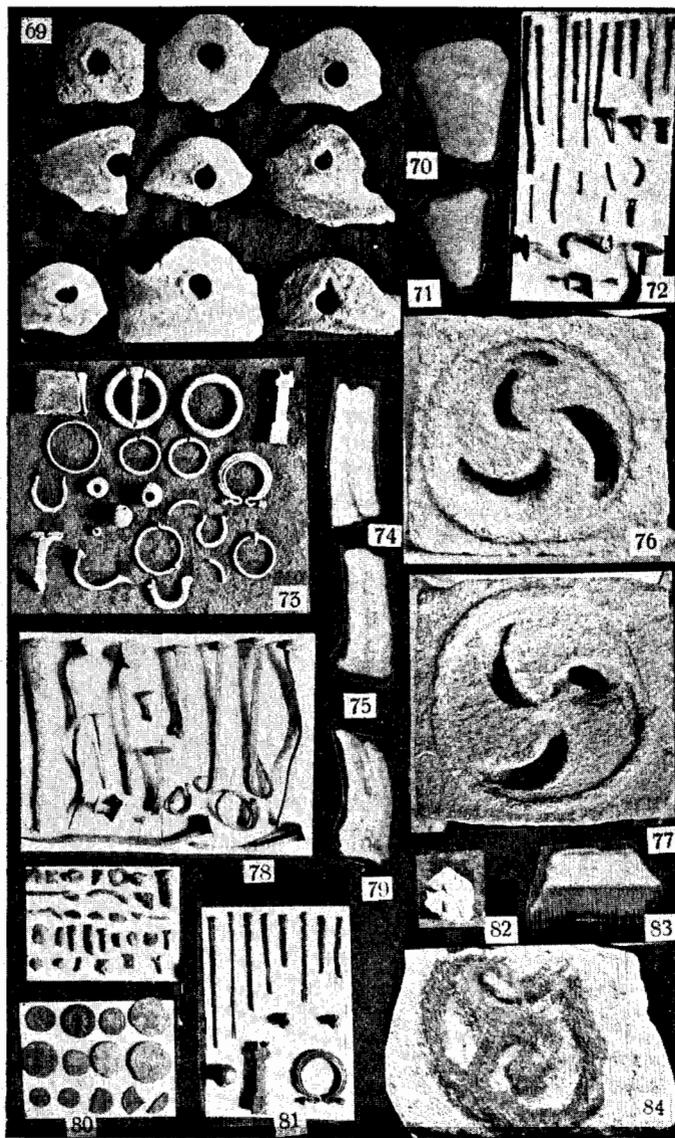


«Cidade Velha», em Santa Luzia (Viana do Castelo)



«Cidade Velha», em Santa Lúcia (Viana do Castelo)

EST. IV



«Cidade Velha», em Santa Luzia (Viana do Castelo)